



Globalizando Conhecimentos Chineses Sobre a Menopausa

Parte I

Do original em inglês de

Volker Scheid

<http://www.volkerscheid.co.uk/>

“Globalising Chinese medical understandings of Menopause”

Tradução para Português

Matheus de Pietro

Supervisão e Revisão :

Ephraim Ferreira Medeiros

Projeto

www.medicinaclassicachinesa.org

Globalizando conhecimentos chineses sobre a menopausa

Resumo

Esse artigo examina o tratamento da síndrome menopausal por meio da medicina chinesa como uma janela para <a forma> como a globalização afeta o desenvolvimento da tradição médica chinesa. As estratégias de tratamento da síndrome menopausal foram inventadas em 1964 e revelam uma forte influência do pensamento biomédico. Hoje, elas são vendidas tanto em casa como no exterior como produtos de 2.000 anos de experiência clínica. Uma análise minuciosa de fontes textuais revela que tal vínculo é obtido por meio de habilidosa colação de elementos selecionados da tradição, um sobre o outro, criando uma narrativa que parece coerente e se encaixa nos modelos biomédicos de menopausa, mas é intrinsecamente frágil. O retalho que sustenta essa narrativa pode não apenas ser facilmente desconstruído (como nesse artigo, por exemplo), mas também, tendo se vinculado a uma interpretação distinta do envelhecimento – universal, biológico e chauvinista –, ele se expõe a todas as críticas que têm sido feitas aos modelos biomédicos de menopausa, insensíveis a variações locais na experiência das mulheres. Ademais, não há evidências de que modernizar as interpretações chinesas da menopausa têm aumentado sua eficiência na prática clínica. Enquanto o artigo em si não procura resolver essas tensões, ele demonstra que a globalização na medicina chinesa oferece [it] não apenas oportunidades, mas também significativos novos problemas, cuja solução pode determinar seu atual desenvolvimento – e, certamente, sobrevivência – como uma tradição viva.

Palavras-chave: Menopausa, China, globalização, medicina chinesa

Os processos de globalização que estão formando o mundo hoje ainda são amplamente iguados tanto no imaginário acadêmico como no popular à propagação de elementos ocidentais, modernos e racionais. Nesse ponto de vista, tipificado na noção de Fukuyama (1992) de fim da história, a evolução natural (da ideologia, economia, tecnologia) e a inevitável ocidentalização do mundo são vistos como eventos congruentes. Contudo, ainda que processos de globalização estejam se acelerando no início do século vinte e um, correntes contrárias, carregando ideologias e práticas de norte a sul e de leste a oeste, estão se tornando cada vez mais difíceis de se ignorar. No contexto da medicina, por exemplo, tanto os governos chinês como o coreano promovem uma globalização ativa de sistemas médicos tradicionais como parte de uma estratégia mais ampla voltada para projetar suas culturas nacionais no cenário mundial e, assim, receber vantagem econômica (Consortium for the Globalization of Chinese Medicine 2005; Kim 2007). Tais corrente solapam narrativas que vêem a globalização movendo em apenas uma direção e como definida por apenas uma única lógica ou tipo de atividade (Berger & Huntington 2002; Nederveen Pieterse 2004; Walters 2000), mas, dessa forma, eles não escapam lógicas e contradições exaustivas que vinculam a todos os processos de globalização. De fato, independentemente de examinarmos McDonald's ou a medicina chinesa, a difusão global bem sucedida de bens, tecnologias ou práticas requer que universalidades presumidas sejam integradas em redes particulares de práticas e, contrariamente, que particularidades sejam suficientemente removidas do que quer que as esteja fixando numa época ou lugar específico, de modo a tornar-los móveis e versáteis (Hsu 1943; Barnes 1998).

Tais interações entre o local e o global foram investigadas em ciências humanas e sociais a partir de uma grande variedade perspectivas (Appadurai 1996; Berger & Huntington 2002;

Croucher 2004; Nederveen Pieterse 2004; Robertson 1992), incluindo sua relação com a medicina chinesa (Stollberg 2001; Hsu 2002). O presente artigo, que analisa a emergência da síndrome menopausal na medicina chinesa como uma consequência da globalização da tradição, acrescenta mais um estudo de caso a um arquivo já amplo. Nesse sentido, ele é predominantemente de relevância local, visto que vincula a historiografia chinesa com teorias da globalização. Ainda assim, ele se move na outra direção ao trazer a crítica à globalização para dentro da medicina chinesa, numa tentativa de desafiar as histórias caseiras dessa tradição. Faço isso por meio de uma explícita abordagem do problema da eficácia, o qual vejo ocorrer simultaneamente em diferentes níveis da prática.

Um desses níveis, a invenção da síndrome menopausal e seu tratamento na medicina chinesa – o qual, como demonstrarei, é essencialmente uma tradução de teorias biomédicas sobre envelhecimento em termos nativos –, reflete a capacidade de adaptação que assegurou sua sobrevivência na China continental, muitas vezes em condições extremamente difíceis. Em outro <nível>, ela facilitou sua expansão pelo mundo. Nesses níveis, a invenção descrita aqui foi extremamente eficiente. Porém, na mesma medida em que as traduções nas quais ela se baseia solapa noções centrais à prática médica chinesa e as considera uma parte de universais biomédicos, e porque eles foram motivados por conveniência política e não apenas por fins clínicos, seus sucessos são comprados às custas da eficácia clínica. Ressaltar a inevitabilidade dos lucros e perdas que acompanham todos os processos de tradução é, portanto, o que meu relato do tratamento menopausal e sua invenção podem oferecer à historiografia e ciência social.

A fim de possibilitar que leitores não familiarizados com a medicina chinesa acompanhem minha narrativa, delinearei, em primeiro lugar, um quadro geral do contexto histórico em que ela se desenrola. Em seguida, examinarei com mais detalhes a invenção da síndrome menopausal na medicina chinesa e suas infelicidades. Na seção concludente, retomarei mais explicitamente o contato dessa discussão com a problemática da globalização e da eficácia, levantados acima.

1. Con-textos: a prática médica chinesa e manuais de medicina chinesa.

Para o propósito desta discussão, eu distinguirei a ampla tradição médica chinesa de sua mais recente ramo, geralmente conhecido sob a denominação “medicina tradicional chinesa”, ou MTC. Se este representa o tipo de prática centrada no indivíduo que se desenvolveu historicamente por meio de uma dialética entre insight clínico e aprendizado intelectual, aquele é representado mais especificamente em manuais médicos chineses contemporâneos e em contextos institucionais, nos quais tais manuais têm sido produzidos e são usados. A partir das primeiras tentativas experimentais de condensar a essência da medicina chinesa em um único texto (por volta de 1955) até a subsequente série de materiais didáticos para faculdades e universidades, que atualmente se encontra na sétima edição, os manuais têm sido a pedra angular de esforços realizados pelo governo para modernizar a educação médica chinesa, integrando-a a um sistema de saúde mais moderno, e – desde o início – difundindo-a pelo mundo. Todos esses objetivos necessitaram padronizar, regularizar e sistematizar uma coleção de textos, práticas e conexões sociais até então pouco organizada, produzindo, em manuais, uma coleção de objetos a partir dos quais a área da medicina chinesa contemporânea – seus processos de emergência; suas estrutura, tensões e contradições internas; suas complexas relações com biomedicina, ciência, Estado, tradição, China e o mundo exterior – pode e tem sido analisada (Farquhar 1994; Hsu 1999; Karchmer 2004; Scheid 2002; Taylor 2004a).

Foi no processo de produção desses manuais, por exemplo, que se conduziram debates sobre a forma e o lugar da medicina chinesa na China contemporânea e sobre a natureza de sua modernização. Sob pressão política para reconfigurar a prática tradicional, a fim de acomodar os imperativos contraditórios na modernização socialista e do orgulho nacionalista, seus escritores

atingiram a notável proeza de definir a medicina chinesa como um sistema médico cujas características essenciais (chinês, dialético e fundamentado na experiência) o distinguiram claramente da biomedicina, e, ainda assim, simultaneamente permitiu que ele fosse integrado a um sistema de saúde organizado por meio de categorias biomédicas de enfermidades (Karchmer 2004; Scheid 2002).

Se os manuais da MTC facilitaram a sobrevivência e transmissão continuadas da prática médica na China, o espaço social assegurado não foi, portanto, totalmente dominado pela medicina sistematizada que elas representavam. Médicos e estudantes continuaram a ter acesso (por vezes com mais facilidade, por vezes com menos) a todo o corpus dos literatos da medicina, cujos textos permaneceram tão importantes como nunca para o cultivo de competência pessoal. Dessa forma, é impossível traçar uma linha divisória exata entre as duas formas de medicina chinesa que eu delineeie – a antiga, erudita, focada em exegese, comentário, aprendizado pela relação mestre-discípulo¹, e diversas correntes de tradição; e a mais recente, burocrática, ensinada e praticada em instituições controladas pelo estado. A tradição médica chinesa mais ampla abrange a medicina dos manuais de MTC, mesmo se esta a sucede e a desenvolve em uma outra direção. Elas podem ser vistas como diametralmente opostas entre si: uma firmemente enraizada em contextos locais de prática e configurada para o desenvolvimento de conhecimento personalizado, que pode ser comparado, contrastado ou integrado com outros sistemas do tipo, ou, alternativamente, como diferentes manifestações da uma tradição viva mais compreensiva, que se desenvolve continuamente (Scheid 2007).

Manuais de MTC funcionam, portanto, como veículos essenciais para globalizar a prática médica local, mesmo quando eles se apropriam de conceitos e práticas importadas do Ocidente em sua própria construção – incluindo a própria idéia de manuais e de contextos institucionais nos quais eles são usados. Eu me lembro, dos meus dias como estudante de medicina chinesa no Reino Unido, no início da década de 1980, de que foi precisamente a natureza sistemática de tais textos que os fez tão atrativos aos estudantes no Ocidente. O que poucos de nós sabiam naquela época era que o que a “teoria básica” (*Jichu lilun*; 基礎理論) que estávamos estudando era o resultado dos esforços chineses de tornar a medicina chinesa mais ocidental em conteúdo e aparência, a fim de produzir precisamente o efeito que ela produziu em nós (Hsu 1999; Taylor 2004b).

A invenção da síndrome menopausal enquanto problema para a medicina chinesa, que eu narro abaixo, reflete a confecção dos manuais de MTC como híbridos de Oriente e Ocidente, <de> tradição local e sistema médico global. Ela é voltada para aprofundar nossa compreensão de tais articulações problemáticas, a fim de desenvolver uma crítica que parte da descrição e análise e <progride até>, no mínimo, delinear as possíveis consequências de diferentes formas de compor conhecimento efetivo.

2. Abordagens de MTC para o tratamento da síndrome menopausal

Todos os manuais de TCM de ginecologia na China continental de hoje contém um capítulo ou seção discutindo o diagnóstico e o tratamento da síndrome menopausal². Embora a extensão dessas discussões e o número de fórmulas sugeridas para tratar tais padrões varie imensamente de um texto ao outro, sua compreensão da etiologia e pato fisiologia da síndrome

¹ *Apprenticeship*: palavra sem equivalente na língua portuguesa.

² O título desses capítulos, e, portanto, o nome segundo o qual a síndrome menopausal é referida, varia. “Padrões de manifestação associados à cessação da menstruação” (*Jingduan qianhou zhuzheng*; 經斷前後諸證); “Sintomas e sinais associados à cessação da menstruação” (*Jingduan qianhou zhenghou*; 經斷前後症候); “Sintomas e sinais associados à perimenopausa” (*Juejing qianhou zhuzheng*; 絕經前後諸癥); e “síndrome perimenopausal” (*Juejingqi zonghezhen*; 絕經期綜合徵) são termos usualmente encontrados na literatura.

menopausal é consistente em todos os aspectos. A síndrome menopausal é compreendida como um problema do envelhecimento e, portanto, em termos médicos chineses, é definida como uma manifestação do declínio da função dos rins. Isso se dá porque a doutrina médica há muito associara os rins (*Shen*; 腎) com o envelhecimento, crescimento e desenvolvimento. O *Chinese Medical Science of Gynaecology and Obstetrics*, um dos mais recentes e respeitados manuais nessa área, afirma:

“Geralmente, a ocorrência de sintomas e sinais perimenopausais não pode ser atribuída a nenhuma causa concreta (...). <No entanto,> por volta da cessação da menstruação, a fisiologia da mulher acompanha o declínio geral do *qi* do rim, devido ao qual a fertilidade diminui, a essência e o sangue se tornam crescentemente insuficientes, e o *yin* e *yang* dos rins perdem seu equilíbrio (...). Embora um corpo saudável seja geralmente capaz de se regular e de se ajustar gradualmente <a esse declínio>, algumas mulheres são afetadas por influências internas e externas com maior facilidade, de forma que elas se tornam deficientes ou em *yin* do rim, ou [deficientes] em *yang* do rim, ou [deficientes] em *yin* e *yang* do rim.” (Liu Minru 劉敏如 & Tan Wanxin 譚萬信 2001: 406)

Textos ocidentais de MTC, que tendem a ser traduções de manuais da China continental, seguem tais interpretações. Também eles definem deficiência do rim (*Shen xu*; 腎虛) como “sempre na raiz de problemas menopausais”. Patologias secundárias podem requerer menção, mas é a deficiência do rim que constitui o centro dos protocolos de tratamento da MTC. A “medicina chinesa”, com um dos mais influentes professores ocidentais de MTC observa, “trabalha com tonificação suave dos rins e da essência dos rins a fim de ajudar a mulher na transição desse período da vida” (Maciocia 1998). Considerando a marcada associação entre ondas de calor e a síndrome menopausal na compreensão ocidental da síndrome [menopausal], a deficiência de *yin* do rim (*Shen yin xu*; 腎陰虛), em particular, começou a ser vista como o aspecto determinante da síndrome menopausal na MTC, e para adeptos da MTC tanto mais para os seus colegas na China. Isso se dá porque, na medicina chinesa, a deficiência de *yin* está associada a sintomas de excesso de *yang* (ou seja: “calor”). “Ainda que todos os pacientes com menopausa venham a ter deficiência de *yin* do rim”, escreve um influente professor de MTC no amplamente consultado *Acupuncture Today*, “muitos terão outras condições associadas que precisam ser observadas” (Chen 2002). Essas idéias são simplificadas ainda mais quando comunicadas ao público em geral. “Em medicina tradicional chinesa, ou MTC”, informa-nos o University of Maryland Medical Center em sua página de internet, “a mulher não é referida como ‘menopausal’ de forma ampla. Ao invés disso, o praticante de MTC deve dizer que ela exhibe deficiência de *yin* do <r>im” (University of Maryland Medical Center 2008).

Pesquisas investigando como praticantes ocidentais de MTC diagnosticam mulheres menopausais com sintomas vasomotores demonstram que a discussão da síndrome menopausal nos manuais constantemente influencia a prática clínica (Zell *et al.* 2000). Não há pesquisa semelhante disponível na China, mas uma resenha de mais de 800 sobre o tratamento da síndrome menopausal em periódicos médicos da China continental, publicados desde 1979, mostra que a deficiência do rim é de longe a categoria diagnóstica mais comumente usada. Tanto na China como no Ocidente, sugestões para o tratamento da menopausal na literatura da MTC, não surpreendentemente, são dominadas pelas fórmulas e protocolos de tratamento que tonificam os rins e, em particular, o *yin* do rim (tabela 1). O mesmo é verdadeiro para a pesquisa (Scheid 2009).

Com base nessa breve resenha de literatura, nós podemos traçar duas conclusões: (1) a MTC oferece um entendimento claro e coerente da síndrome menopausal e de seu tratamento; (2) esse entendimento parece se refletir em amplo consenso entre os praticantes de MTC em

relação aos protocolos principais de tratamento que, por sua vez, influenciam a pesquisa. Sem exceção, textos de MTC apresentam esse entendimento como se ele fosse um conhecimento antigo fundamentado nos clássicos e nos “dois mil anos de experiência clínica” que nos usualmente alegamos ser a fundação da tradição médica chinesa. Nada, contudo, está mais longe da verdade.

Tabela 1: O tratamento da menopausa em manuais selecionados de MTC

Título	Número total de fórmulas sugeridas	Fórmulas para tratar rins	Fórmulas para tratar yin do rim	Fórmula para tratar yin do rim é a fórmula principal?
Chengdu College of Chinese Medicine. Lecture Notes for Chinese Medicine Gynaecology. Shanghai: Shanghai kexue jishu chubanshe; 1964 (20).	3	2	1	Sim.
Luo Yuankai, editor. Chinese Medicine Gynaecology. Beijing: Renmin weisheng chubanshe; 1988 (26).	6	6	5	Sim.
Zhang Aifang, editor. Understanding Chinese Medical Gynaecology Through Tables. Tianjin: Tianjin kexue jichu chubanshe; 1995 (28).	2	2	1	Sim.
Guo Zhiqiang and Zhang Zongfang, editors. Encyclopedia of Treatment in Chinese Medicine Gynaecology. Shijiazhuang: Hebei keji chubanshe; 1997 (29).	8	8	8	Sim.
Flaws B. My Sister the Moon: The Diagnosis and Treatment of Menstrual Disease by Traditional Chinese Medicine. Boulder: Blue Poppy Press, 1992.	33	23	18	Sim.
Maciocia G. Obstetrics and Gynaecology in Chinese Medicine. Edinburgh: Churchill Livingstone; 1998 (11)	18	14	13	Sim.

CONTINUA

INFO

Texto original: *East Asia Science, Technology and Society: an international journal*. DOI 10.1007/s12280-009-9069-6. Online version, April, 2009.

Título original: “Globalising Chinese medical understandings of Menopause”

Autor: SCHEID, V.

Tradutor: DE PIETRO, M. C.

DATA: 25.06.2011

Referências

- Adams, V. (2002a). Randomized controlled crime: Postcolonial sciences in alternative medicine research. *Social Studies of Science*, 32, 659–690.
- Adams, V. (2002b). Establishing proof: Translating science and the State in Tibetan medicine. In M. Nichter, & M. Lock (Eds.), *New horizons in medical anthropology: Essays in honour of Charles Leslie* (pp. 200–220). New York: Routledge.
- Anonymous. (2005). Qiu Xiaomei: Taking the best from various schools of thought to go one's own way (Qiu Xiaomei: cai baijia zhi zhang zu ziji de lu 裘笑梅:採百家之長走自己的路). Retrieved 2 February 2008 from at www.100md.com.
- Appadurai, A. (1996). *Modernity at large: Cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Barnes, L. L. (1998). The psychologizing of Chinese healing practices in the United States. *Culture, Medicine and Psychiatry*, 22, 413–443.
- Berger, P., & Huntington, S. (2002). *Many globalizations: Cultural diversity in the contemporary world*. Oxford: Oxford University Press.
- Bulbeck, C. (2001). Speaking menopause: Intersections between Asian and Western medical discourses. In *Intersections: Gender, History and Culture in the Asian Context*, Issue 5.
- Cai Zhuang 蔡莊 & Zhou Fengqing 周佩青 (Eds.) (1997). *An anthology of the Cai family's experience of gynaecology (Caishi nuke jingyan xuanji 蔡氏女科經驗選集)* Shanghai: Shanghai zhongyiyao daxuechubanshe.
- Chen, J. K. (2002). Menopause: Western and traditional Chinese medicine perspectives, Part II. *Acupuncture Today*, 3. <http://www.acupuncturetoday.com/archives2002/may/05chen.html>.
- Chen, Y. L. D., Voda, A. M., & Mansfield, P. K. (1998). Chinese midlife women's perceptions and attitudes about menopause. *Menopause*, 5, 28–34.
- Chen Ziyin 沉自尹 & Wang Wenjian 王文健. (1988). Achievements in the investigation of the kidney in TCM. *Journal of Integrated Chinese and Western Medicine (Zhongxiyi jiehe zazhi 中西醫雜誌)* Special Issue 2, pp. 96–99.
- Chengdu College of Chinese Medicine (Chengdu zhongyi xueyuan 成都中醫學院) (Ed.) (1960). *Lecture notes for Chinese medicine gynaecology (Zhongyi fukexue jiangyi 中醫婦科學講義)*. Preliminary Teaching Materials for Colleges of Chinese Medicine (Zhongyi xueyuan zhiyong xiaocai 中醫學院試用教材). Beijing: Renmin weisheng chubanshe.
- Chengdu College of Chinese Medicine (Chengdu zhongyi xueyuan 成都中醫學院) (Ed.) (1964). *Lecture notes for Chinese medicine gynaecology (Zhongyi fukexue jiangyi 中醫婦科學講義)*. Preliminary Teaching Materials for Colleges of Chinese Medicine, Revised Edition (Zhongyi xueyuan zhiyong xiaocai chongdingben 中醫學院試用教材重訂本). Shanghai: Shanghai kexue jishu chubanshe.
- Chim, H., Tan, B. H. I., Ang, C. C., Chew, E. M. D., Chong, Y. S., & Saw, S. M. (2002). The prevalence of menopausal symptoms in a community in Singapore. *Maturitas*, 41, 275–

282. Consortium for the Globalization of Chinese Medicine. (2005). Retrieved 15 August 2008 from [http:// www.tcmedicine.org/en/default.asp](http://www.tcmedicine.org/en/default.asp).
- Croucher, S. L. (2004). *Globalization and belonging: The politics of identity a changing world*. New York: Rowman & Littlefield.
- Farquhar, J. (1994). *Knowing practice: The clinical encounter in Chinese medicine (studies in the ethnographic imagination)*. Boulder: Westview.
- Feher, M., Naddaff, R., & Tazi, N. (1989). *Fragments for a history of the human body*. New York, NY: Zone Books.
- Fukuyama, F. (1992). *The end of history and the last man*. New York: Free Press.
- Furth, C. (1998). *A flourishing Yin: Gender in China's medical history, 960–1665*. Berkeley: University of California Press.
- Ge Meiyun, & Shen, M. (1995). Symptoms related to women's menopause and methods to alleviate them.
- In Tao Chunfang 陶春芳 & Xiao Yang 蕭揚 (Eds.), *Zhongguo funu shengyu jiankang yanjiu 中國婦女生育健康研究 (Research on women's reproductive health in China)*. Beijing: New World Press.
- Guo Aichun 郭霽春 (Ed.) (1992). *The inner classic of the Yellow Lord simple questions with annotations (Huangdi neijing suwen jiaozhu 黃帝內經素問校註)*. Beijing: Renmin weisheng chubanshe.
- Ha Litian 哈荔田 (Ed.) (1982). *Selected case records and medical essays on gynaecology by Ha Litian (Ha Litian fuke yi'an yihua xuan 哈荔田婦科醫案醫話選)*. Tianjin: Tianjin kexue jishu chubanshe.
- Haines, C. J., Rong, L., Chung, T. K. H., & Leung, D. H. Y. (1995). The perception of the menopause and the climacteric among women in Hong-Kong and Southern China. *Preventative Medicine*, 24, 245–248.
- Hill-Sakurai, et al. (2008). Complementary and alternative medicine for menopause: A qualitative analysis of women's decision making. *Journal of General Internal Medicine*, 23(5), 619–22.
- Huang Yuanyu 黃元御. (1990). *Eleven books on medicine by Huang Yuanyu 黃元御醫書十一種*. Beijing: Renmin weisheng chubanshe.
- Hsu, E. (1999). *The transmission of Chinese medicine*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Hsu, E. (2002). The medicine from China has rapid effects: Chinese medicine patients in Tanzania. *Anthropology & Medicine*, 9(3), 291–313.
- Hsu, F. L. K., Institute of Pacific Relations Yenching-Yunnan Station for Sociological Research Kunming China (1943). *Magic and science in Western Yunnan, the problem of introducing scientific medicine in a rustic community*. New York: International Secretariat, Institute of Pacific Relations.
- Hwang, K. (2008). International collaboration in multilayered center-periphery in the globalization of science and technology. *Science, Technology & Human Values*, 33, 101–133.
- Ismael, N. N. (1994). A study on the menopause in Malaysia. *Maturitas*, 19, 205–209.
- Kagawa-Singer, M., Kim, S., Wu, K., Adler, S. R., Kawanishi, Y., Wongvipat, N., et al. (2002). Comparison of the menopause and midlife transition between Japanese American and European American women. *Medical Anthropology Quarterly*, 16, 64–91.

- Karchmer, E. I. (2004). *Orientalizing the body: Postcolonial transformations in Chinese medicine*. PhD dissertation, Department of Anthropology: University of North Carolina.
- Kim, J. (2007). Alternative medicine's encounter with laboratory science: the scientific construction of Korean medicine in a global age. *Social Studies of Science*, 37(6), 855–880.
- Kuriyama, S. (1999). *The expressiveness of the body and the divergence of Greek and Chinese medicine*. New York: Zone Books.
- Lam, P. M., Leung, T. N., Haines, C., & Chung, T. K. H. (2003). Climacteric symptoms and knowledge about hormone replacement therapy among Hong Kong Chinese women aged 40–60 years. *Maturitas*, 45, 99–107.
- Leung, K. Y., Ling, M., & Tang, G. W. K. (2004). Continuation rate of hormone replacement therapy in Hong Kong public health sector. *Maturitas*, 49, 338–344.
- Li Keguang 李克光(Ed.) (1989). *Essentials of the Golden Cabinet 金櫃要略*(Teaching reference works for tertiary level Chinese medicine). Beijing: Renmin weisheng chubanshe.
- Li Mingfu 李明富. (1999). *Chinese medicine experts at the Chengdu College of Chinese medicine 成都中醫藥大學中醫學家專集*. Beijing: Renmin weisheng chubanshe.
- Li Songtao, & Xi, C. (1995). Physiological and psychological disorders of women in menopause in Fuzhou. In Tao Chunfang 陶春芳 & Xiao Yang 蕭揚(Eds.), *Research on women's reproductive health in China 中國婦女生育健康研究*. Beijing: New World Press.
- Liu Minru 劉敏如 & Tan Wanxin 譚萬信(Eds.) (2001). *Chinese medical science of gynaecology and obstetrics 中醫婦產科學*. Beijing: Renmin weisheng chubanshe.
- Lock, M. M. (1993). *Encounters with ageing: Mythologies of menopause in Japan and North America*. Berkeley: University of California Press.
- Lock, M. M. (2001). The tempering of medical anthropology: Troubling natural categories. *Medical Anthropology Quarterly*, 15, 478–492.
- Lock, M. M., & Kaufert, P. (2001). Menopause, local biologies, and cultures of aging. *American Journal of Human Biology*, 13, 494–504.
- Globalising Chinese Medical Understandings of Menopause
- Luo Yuankai 羅元凱. (1988). *Chinese medicine gynaecology 中醫婦科*. Beijing: Renmin weisheng chubanshe.
- Ma Boying 馬伯英, Gao Xi 高晞 & Hong Zhongli 洪中立. (1994). *A history of intercultural exchange in medicine between China and Other Countries 中外醫學文化交流史*. Shanghai: Wenhui chubanshi.
- Maciocia, G. (1998). *Obstetrics and gynaecology in Chinese medicine*. Edinburgh: Churchill Livingstone.
- Martin, E. (1987). *The woman in the body: A cultural analysis of reproduction*. Boston: Beacon.
- Nederveen Pieterse, J. (2004). *Globalization and culture*. New York: Roman & Littlefield.
- OED Online (2004). *Oxford English dictionary*. Oxford: Oxford University Press.
- Qiu Peiran 裘沛然 & Ding Guangdi 丁光迪, (Eds). (1992). *Doctrines of the various schools of Chinese medicine 中醫各家學說*. Beijing: Renmin weisheng chubanshe.
- Robertson, R. (1992). *Globalization: Social theory and global culture*. London: Sage.
- Scheid, V. (2002). *Chinese medicine in contemporary China: Plurality and synthesis*. Durham: Duke University Press.

- Scheid, V. (2007). Acupuncture for hypertension: A tale of two trials. From the perspective of the anthropologist. *Forschende Komplementär Medizin*, 14(371), 374–3755.
- Scheid, V. (2009). Treating menopause with Chinese medicine: A literature review and critique (in press).
- Shea, J. (2006a). Parsing the ageing Asian woman: Symptom results from the China Study of Midlife Women. *Maturitas*, 55, 36–50.
- Shea, J. (2006b). Chinese women's symptoms: Relation to menopause, age and related attitudes. *Climacteric*, 9, 30–39.
- Stollberg, G. (2001). Heterodoxe Medizin, Weltgesellschaft und Globalisierung. Asiatische. Medizininformen in Westeuropa. In G. Brunner & E. Gulich (Eds.), *Kommunikation über Krankheiten. Bielefelder Schriften zur Linguistik und Literaturwissenschaft*. Retrieved 8 February 2008 from www.uni-bielefeld.de/soz/iw/stollberg.htm.
- Tang Rongchuan 唐容川. (1884). Discussion of blood patterns 血證論. Beijing: Renmin weisheng chubanshe, 1980.
- Taylor, K. (2004a). Chinese medicine in early communist China (1945–1963): Medicine of revolution. London: Routledge.
- Tsao, L. I., & Huang, K. E. (2004). Effectiveness of a perimenopausal health education intervention for mid-life women in northern Taiwan. *Patient Education and Counselling*, 54, 321–328.
- Tsao, L. I., Chang, W. Y., Hung, L. L., Chang, S. H., & Chou, P. C. (2004). Perimenopausal knowledge of mid-life women in northern Taiwan. *Journal of Clinical Nursing*, 13, 627–635.
- University of Maryland Medical Center. (2008). Menopause. Columbia. Retrieved 15 December 2008 from <http://www.umm.edu/altmed/articles/menopause-000107.htm>.
- Wang Kentang 王肯堂. (1602–1608). Indispensable tools for pattern treatment 證治準繩. Beijing: Renmin weisheng chubanshe. Beijing: Renmin weisheng chubanshe, 1991.
- Waters, M. (2000). *Globalization*. London: Routledge.
- Zell, B., Hirata, J., Marcus, A., Ettinger, B., Pressman, A., & Ettinger, K. M. (2000). Diagnosis of symptomatic postmenopausal women by traditional Chinese medicine practitioners. *Menopause*, 7, 129–134.
- Zeng Lingzhen 曾令真, et al. (Eds.) (2004). Gynaecology case records 女科醫案. Beijing: Zhonggui yiyao keji chubanshe.
- Zhang Aifang 張愛芳 (Ed.) (1995). Understanding Chinese medical gynaecology through tables 中醫婦科學鏡解. Tianjin: Tianjin kexue jichu chubanshe.
- Zhao, G., Bao, Y., & Qu, C. (1996). Occurrence of depression symptoms and their influence factors in perimenopausal women. *Chinese Journal of Obstetrics and Gynaecology*, 31, 614–16.